

# 1

Lentamente, muito lentamente, o barco vai penetrando nas águas calmas da baía Yakatut como se, assim, pretendesse desafiar o glaciador de Hubbard que na sua frente se avoluma em altura e extensão: brancura luminosa a contrastar com um céu baixo, pesado e cinzento, e um mar que, de tão calmo, mais parece um lago esverdeado, pontilhado aqui e além por pequenos blocos de gelo que flutuam livremente.

O frio é agora mais intenso e o Sol, perdido num céu pardacento, é pequeno e pálido como uma moeda europeia de dez cêntimos. Um sol a condizer com esta paisagem baça, gélida, sem árvores nem pássaros, sem vento nem marulhar de ondas.

Uma paisagem difícil de descrever, porque há nela algo de poderoso e ao mesmo tempo frágil, sombras e esplendor também, algo que dificulta as palavras. E, no entanto, é uma paisagem que toca quem a contempla, que emociona e seduz, tal como parece seduzir Armando Couto ali de pé, à proa do grande barco.

Quem, de momento, lhe observasse o perfil, diria estar ele fascinado pela imagem gigantesca do glaciador. Mas quem acaso o pudesse olhar de frente, com atenção, veria que o seu olhar é o de quem contempla uma outra paisagem diferente. Longínqua.

No entanto, a presente cor azul de alguns pontos do glaciár, fascina-o. É um tom de azul especial, como ainda não viu outro, a não ser nos olhos de Neusa. E perante essa cor reencontrada, deixa-se ficar imóvel, frente à extensa superfície gelada, como se de lá, os olhos azuis de Neusa, o olhassem. Como se não estivessem definitivamente cerrados. Tão frios como o glaciár do qual o barco não ousa aproximar-se mais do que já se aproximou.

\*  
\*\*

É curioso notar como um lugar não visitado pode ter tão grande influência no espírito de uma pessoa, provocar redemoinhos de ansiedade, embora não passe, até certo ponto, de uma quimera, um desses sítios magicamente remotos, dada a sua real situação geográfica.

Assim aconteceu com Armando Couto, a quem o nome *Alasca* perturbava, causando-lhe uma espécie de ansiedade. Na verdade, durante quarenta anos sonhara com as terras geladas do Norte. E tão longe quanto a sua memória alcança, se havia um dia de frio, o Alasca era o sítio mais frio, excluindo os pólos norte e sul, que ele ia buscar como termo de comparação. Esse Alasca chicoteado por ventos, totalmente abandonado pelo sol durante o longo Inverno, destroçado de vez em quando pelas erupções dos vulcões, pelas tremores de terra de grande intensidade e pelos gelos também.

Esse Alasca que, durante dezenas de anos, vivera misteriosamente no interior do seu ser. Nos seus projectos de viagens. Nos seus sonhos. E nos de Neusa também. E embora ela tivesse dito, sonhando com esse mundo distante: “Gostava de ir ao Alasca, de sentir o gelo estalar sob os pés...” aquele já não será mais o mundo por ela sonhado.

Também ele “gostaria de sentir o gelo estalar sob os seus pés”. Tenta imaginar-se caminhando sobre aquela superfície gelada que tem diante de si, mas não consegue. Com os pensamentos esvoaçando à solta, continua sozinho, debruçado na amurada. A sua solidão torna-se mais pungente e fá-lo sentir-se patético, coisa que nunca lhe tinha acontecido, porque sempre soube controlar as suas emoções. Controlar o tempo e até, por vezes, controlar os pensamentos, desenredá-los. Mas agora sente-se impotente para actuar, embora o deseje.

Desejaria, também, descrever os seus sentimentos mas não encontra as frases adequadas. “Estou acabado” – diz para a sua imagem que julga ver reflectida nas águas. – “Estou acabado” – repete, pretendendo assim que esta frase o envergonhe e lhe anule a auto-comiseração em que se deixa envolver. A sua respiração forma, à frente do rosto, uma nuvem suspensa no ar sem vento, mas é como se nada acontecesse.

O peso do afastamento, os efeitos da solidão, são tão fortes que dificilmente conseguirá pensar noutra coisa, tal como não consegue acamaradar.

Na verdade, isola-se. Rejeita a companhia dos outros. Mas que procura ele, afinal? Alguém com quem conversar, trocar impressões? Mas... sobre quê?

\*  
\*\*

Embora seja vulgar acontecer que, durante o planeamento a longo prazo de uma viagem, surja um íntimo receio de que a mesma não se realize, tal não aconteceu com ele, e a manhã da partida chegou. Uma manhã clara com a luz plena de Agosto, no brilho do sol. Separou-se muito rapidamente da filha porque sempre detestara despedidas, entrou no táxi e, lutando contra um triste sentimento de desolação, iniciou sozinho a viagem.

Agora, mais de trinta horas são passadas desde que ele, após ter transposto a porta de sua casa, deixou a sua rua com a intenção bem definida de chegar a Anchorage. Depois já no aeroporto incorporou-se, por indicação do representante da agência, num pequeno grupo de passageiros que iriam fazer a mesma viagem.

E assim incluído nesse heterogéneo grupo de turistas, deixou de fazer projectos de viagem para passar a ser, apenas, um entre vinte. Pessoas que lhe despertaram uma vaga curiosidade que breve se extinguiu. E embora lhe pareça absurdo ter de seguir num rebanho, acatando de antemão todas as sugestões e pormenores do programa, aceita as regras e cumpre-as sem protestar, embora sinta uma certa dificuldade em se integrar num grupo de pessoas tão diversas. Pode mesmo dizer-se que ainda não reparou nelas e, muito menos, será capaz de as descrever. Gente desconhecida que, na realidade, não saberá dizer quem é.

Sabe apenas que dezenas de horas decorreram desde que tomou o primeiro avião rumo a outro continente. Uma viagem

penosa com esperas infundáveis nos aeroportos, novos voos, e a sujeição a transbordos, fusos horários, controle de documentos, e as costumadas formalidades alfandegárias.

O aeroporto de Detroit estava a abarrotar de turistas: norte americanos sobretudo, e também ingleses, japoneses, italianos e outros mais, todos eles desejosos de partir, não em busca do sol mas do gelo fulgurante dos glaciares.

Já próximo de Anchorage, Armando Couto consulta o relógio, ainda pela hora de Portugal, confere pelo horário de bordo e verifica com divertida surpresa que o tempo andou para trás, à medida que se aproximam daquela cidade. De tal modo que quando por fim, aí chegaram já a noite, uma vez mais, tinha caído.

E naquele espaço conquistado pelo olhar, naquele outro lado do mundo, onde o avião os deixou para que uma nova etapa da viagem se iniciasse, as emoções, tal como sentimentos vários, aí estavam misturando-se entre si, porque é grande o interesse de todos eles pelo Alasca embora não sejam capazes de dizer qual a razão de tal interesse.

Transposta a porta do edifício alfandegário, logo uma araginzinha áspera se apressou a fustigar-lhes o rosto. São vinte companheiros e estão, todos eles, sob um novo céu, noutra latitude, mas a neblina baixa não deixa ver as estrelas que deveriam acompanhar a lua.

Na rua, nem uma só alma viva. Só o vento e o transparente negrume do céu. “Onde parariam eles todos, os habitantes da cidade?” interrogam-se, ao mesmo tempo que se dirigem para o autocarro onde, mortos de fadiga, se deixam cair no primeiro banco que se lhes depara.

Mal reparam no homem que está ao volante, pronto a partir, um façanhudo e corpulento motorista que uma barba típica do Alasca, não aparada e grisalha, mais faz acentuar. Além disso está equipado com uma fatiota de explorador – chapéu, calças de sarja, azuis, botas grossas e, sob os suspensórios, grossa camisa de flanela aos quadrados. A um primeiro olhar, assemelha-se a um desses lendários pesquisadores de ouro, a cheirar a rum.

Mas este homem que parece seguir o modelo de um dos heróis de filme de aventuras, embora pouco falador, sorri de vez em quando e mostra-se cordial. E, o que é mais importante, guiou

com cuidado até os deixar diante de um típico edifício de madeira, pintado de cor avermelhada, um restaurante que, diante deles, se apresenta feericamente iluminado por centenas de lâmpadas, resplandecente como uma árvore de Natal. O que não será de admirar, porque o Turismo local pensa em tudo.

Consequentemente, todos os componentes do grupo são convidados agora, a entrar e, de imediato, são surpreendidos por um outro cenário que, aconchegado numa luz difusa, se lhes depara no interior do edifício. É uma luz penumbrosa, uma luz que se pretendeu emprestasse um ar de mistério, talvez de sonho, ou antes de pesadelo, porque pesadelo foi a vida da maior parte dos exploradores que por aqui passaram.

“Cenário de um filme de Hollywood?” interroga-se Armando Couto, e logo observa que está tudo demasiadamente bem arrumado para corresponder à realidade de uma forma de vida há muito ultrapassada. Por esta razão, ou talvez pela fadiga que, há longas horas, arrasta consigo, não consegue entregar-se a este cenário que visa evocar a vida dos antigos pesquisadores de ouro, apresentando, logo à entrada, o simulacro de uma mina cujo cenário se completa com a presença de um grande urso empalhado, e outros animais, bem como toda a sorte de ferramentas necessárias à pesquisa do ouro.

O mesmo acontece com a decoração da vasta sala de jantar, decoração de acordo com a próspera época do ouro, e onde sobressaem os mais estranhos objectos: Cabeças de animais, objectos vários de uso doméstico, bem como um grande fogão de ferro, a lenha, que deveria ter servido numa cozinha qualquer nos tempos desvairados da conquista do ouro, colocado ali de modo a atrair a atenção de qualquer turista. Destes turistas que, já sentados à mesa, esqueceram as luzes cintilantes no exterior, e deixam que o olhar se vá habituando às luzes difusas no interior. E, quase alheios à decoração da sala, observam sonolentemente, uma variedade enorme de pratos típicos para além do inevitável salmão, pratos que apreciam mais pelo sabor que pelo aspecto, dada a discreta iluminação que cai do tecto.

E enquanto comem sem apetite, porque a fadiga e o sono anularam a vontade de comer, parece-lhes escutar, vindo de lá de fora, o eco dos passos dos aventureiros, pesquisadores desse ouro que, breve, haveria de desaparecer. O ouro que possibilitou a riqueza de uns quantos, a ganância, a derrota e a morte sem honra nem glória de muitos outros.

Entre estes lendários caçadores de tesouros, vindos de S. Francisco, Portland, ou até Nova Iorque, muitos outros havia, entre eles chineses fabricantes de fogos de artifício transportando consigo a perigosa carga. E juntamente, caçadores de peles: lontras, visons e zibelinas. Peles que faziam transportar nos barcos, peles ainda frescas conservadas em sal, para não se estragarem.

Armando Couto, no seu silêncio, imagina-os a caminhar ao longo de rios gelados, os dedos dormentes, as orelhas a arder, devido ao frio. E, juntamente, os trenós, as matilhas que os puxavam, os gritos dos tratadores.

Um tempo em que Anchorage era apenas um lugar onde os barcos faziam uma pausa. Ou melhor lançavam âncora durante o tempo estritamente necessário para embarcar e desembarcar frete e passageiros. Uma situação que iria sofrer grandes transformações quando, no início do século XX, começou a construção do caminho-de-ferro então indispensável ao transporte do carvão, a nova fonte de riqueza que começava a atrair novas ondas de aventureiros.

\*  
\*\*

“Anchorage tornou-se numa cidade moderna, fluorescente, diferente” – quem o diz é o guia. De facto, nos primeiros tempos era apenas, um lugar na costa fracturada do Golfo do Alasca. Um lugarejo onde desembarcavam muitos dos garimpeiros para, em pequenas embarcações, seguirem rio acima, em busca de riqueza.

Já nas primeiras décadas do séc. XX, Anchorage pouco mais era, no verão, que um campo lamacento onde os milhares de trabalhadores, contratados para a construção do caminho-de-ferro, se instalavam em tendas rudimentares. No Inverno tudo era submerso por nevões sucessivos, pelo que só era possível transitar de trenó, puxado por matilhas treinadas para o efeito.

Armando Couto, atentamente, ouve o guia explicar o que era a antiga face de Anchorage, um desses sítios mágicos mencionado pelos grandes exploradores e, em determinada época, procurado pelos aventureiros, pesquisadores de ouro, e imagina esses homens desafortunados, caídos nas mãos dos negociantes que aqui montavam os seus bares, para neles receberem os que regressavam do Norte com um punhado de ouro e a necessidade urgente de afogar no álcool as suas dores, as suas derrotas, as suas decepções.

Anchorage é, presentemente, uma outra realidade a testemunhar que o tempo não parou. O ouro há muito que se esgotou. Fecharam-se os bares. Calaram-se de vez, os sons das rixas e das imprecisões. Diluiu-se o cheiro do álcool.

Agora aqui em Anchorage – constataram-no já, – em vez de barris de rum verifica-se a existência de pançudas máquinas de Pepsi e de Coca.

“Anchorage é uma cidade alegre” – insiste o guia. Mas a sua alegria não provém do sol, que é pálido e escasso. Provém, sobretudo, dos cuidados que a cidade tem em saber apresentar-se aos olhos dos turistas que a visitam.

Na verdade, toda a cidade tem um ar renovado, moderno, o que não surpreenderá quem souber que a cidade foi há poucos anos destruída por um terramoto e, de imediato, reconstruída para que a população “não abandonasse a cidade e continuasse a firmar aqui as suas ainda mal adaptadas raízes”.

Assim o constatam os companheiros de Armando Couto quando, após o pequeno-almoço e quase refeitos do cansaço da viagem, se dispõem a percorrer, em grupo, as ruas largas, traçadas em quadriculado. Há já a presença de alguns altos edifícios mas a predominância incide sobre as pequenas casas de madeira ao longo das ruas. Ruas enfeitadas de flores bem cuidadas, trazidas de longe. Jardins suspensos, nas cestas coloridas, esplendorosas pinceladas de cor subitamente bafejadas por um sol pálido que veio dar um pouco de vida às ruas bordejadas pelas casas pintadas de cores claras. Casas, muitas delas, erguidas no meio dos grandes espaços abertos, sem cercas a determinar os limites de cada logradouro.

Por todo o centro da cidade há canteiros de flores de cores vivas, para além dos cestos de flores pendurados por sobre as cabeças dos que deambulam ao longo dos passeios. A temperatura é aceitável mas o céu voltou a estar cinzento e chuveira. Há muita nebulosidade e não se pode ver, ao longe, as montanhas que os índios desde sempre veneraram.

\*  
\*\*

Rodolfo, o guia de origem mexicana, refere-se, agora que todos estão comodamente instalados no autocarro, à vasta geografia deste estado americano, o Alasca, o maior estado dos EUA. Super-

fície difícil de percorrer dadas as suas características geográficas. Por isso e para que os turistas tenham, desta terra, uma ideia aproximada é exibido para eles, no teatro da cidade, um filme cheio de efeitos especiais desses que causam vertigens, e por vezes obrigam o espectador a permanecer de olhos fechados. É sobre glaciares, salmões e ursos: Paisagens só possíveis de admirar a bordo de um helicóptero ou de um hidroavião.

Presentemente, Anchorage tem 300 000 habitantes (metade do resto da população do estado). Neste antigo lugarejo há, agora, as ruas, as casas, o aeroporto onde poisam grandes aviões vindos de Detroit. E também o lago onde os pequenos hidroaviões esperam por clientes americanos, ou japoneses, suficientemente endinheirados, para requererem os seus serviços em pequenos passeios sobrevoando montanhas e glaciares.

Atentamente ouvem falar da região e aprendem que o Alasca, está sob a protecção do estado americano que “encoraja quem aí quer continuar a viver e a trabalhar, gente de muitas raças e credos, porque, aqui no Alasca, as condições climáticas são duras. Assim, se em Junho, há dias de quase vinte e quatro horas, em contrapartida há, no Inverno, manhãs tão escuras e tão frias que, quando se abre a porta, o ar gelado dói como gume de navalha”.

Quem o diz é Rodolfo que vive aqui há largos anos, após ter deixado o sol, o calor mexicano, e os dias praticamente iguais. Ele era muito jovem ainda, quando aqui chegou. Adaptou-se, sobretudo porque casou com uma nativa que já lhe deu seis filhos. Crianças que o estado americano tomou sob a sua protecção, tal como toma os filhos dos chineses, dos malaaios e de outros quaisquer. O futuro de seus filhos não o preocupa porque, aqui, os cuidados com a saúde merecem toda a atenção possível de quem governa. E tal como a saúde, também a educação é olhada com igual atenção.

Há em Anchorage todos os graus de ensino, sendo famosa a Universidade do Alasca. Quanto às escolas, há um sistema organizado que permite ir, mesmo no rigor do Inverno, buscar as crianças a suas casas, em confortáveis autocarros que, com o auxílio de limpa-neves, as conduzem até à escola, onde passam o dia, se dia se pode chamar à prolongada ausência de luz natural, no Inverno.

Rodolfo lança-se numa longa explicação sociológica e etnológica, e fala de toda esta gente que aqui chegou, vinda dos quatro continentes, e parece não ter ainda dado conta de que está em solo

americano. As crianças, essas, talvez venham a integrar-se, a tornar-se orgulhosamente americanas. Mas os mexicanos continuam a ser mexicanos, tal como os chineses que não cortam as raízes que os prendem à China, tal como os filipinos em relação ao seu país. E muitos outros mais, em idênticas condições.

“A vida, aqui, é dura” – diz e logo acrescenta: “E onde não o é, para quem só sabe trabalhar?” Rodolfo deixa a pergunta no ar e, sem esperar resposta, continua a dar conta do seu actual modo de viver: Vai de vez em quando ao México visitar os irmãos e os pais. Vai, mal passado o Natal, uma época que também em Anchorage é feérica, apesar de os dias serem curtíssimos e a neve, às vezes, ser tanta que os carros estacionados na rua desaparecem sob ela. O limpa-neves apenas limpa o necessário para as ambulâncias e os autocarros escolares irem buscar as crianças que, na escola, passam o dia bem alimentadas e aquecidas.

As casas são confortáveis e, na época de Inverno, quase não se trabalha. Quase não há vida fora das casas, porque só há, cerca de três horas de luz. No resto das horas é noite.

Mas o sol faz falta, muita falta para quem nasceu e cresceu em terras mexicanas. Por isso uma vez por ano, Rodolfo vai, sozinho, até ao México, deixa a mulher e os filhos na casa confortável e aloja-se na rudimentar casa de seus pais. E enche os olhos de sol, de ternura, e de ânimo para continuar em Anchorage.

Perante a visível atenção do seu “rebanho”, o guia entusiasma-se e continua a falar dessa época do ano e fala também da estranha luz azul, crepuscular do meio-dia, uma luz fria e pesada como uma placa de gelo. Às vezes, o sol aparece frouxamente, um sol diferente do que ele observava lá na terra de onde veio. Um sol que se demora apenas o tempo suficiente para fazer aparecer pingentes de gelo sob os beirais.

Mas se a vida aqui abranda nos meses de escassa luz, passada a época do Natal os dias logo começam a crescer rapidamente e a vida pulsa com demasiada rapidez, até que, atingido Julho, acontece o contrário. Mas o sol, nessa época do ano, embora se ponha à uma hora e nasça às quatro, é um sol demasiado preguiçoso para ganhar altitude.

Está-se em pleno mês de Agosto e, às onze da noite, ainda há luz suficiente para se definir os contornos das casas e de uma ou outra pequena árvore. No entanto, desde o início deste mês, os dias

têm vindo a encurtar dez minutos por dia. Cinco pela manhã e cinco à tarde. E, conseqüentemente, cada noite é cada vez mais longa que a anterior ou seja, os dias começam a minguar: Vinte, dezanove, dezassete horas de luz. Horas de luz impiedosa de um verão que se afasta cada vez mais. Um sol mais diferente ainda, do sol estival, que no México actuava como um soporífero, lhe pesava nas pálpebras tornando-o indolente.

Aqui o sol branco e brando é um sol débil que mal aquece. Um sol diferente, seja qual for a hora do dia, do sol mexicano que o viu crescer, tornar-se forte, partir.

Armando Couto, enquanto escuta as palavras do guia, imagina um pôr do sol tardio traçando linhas luminosas sobre as transparências e as breves horas de escuridão que se lhe seguem, até que, daí a pouco, é um novo nascer do sol a salpicar de cor pálida, a superfície escura da águas, e imagina essa luz a entrar pelas janelas da cidade.

Uma luz semelhante à do sol semi-encoberto, cauteloso, de certas manhãs de praia, escondendo, por detrás de uma cortina de neblina, a sua luz discreta, arredia. Ou, mais exactamente, é um sol de contida luminosidade, semelhante à do sol de Inverno da sua infância nortenha.

\*  
\*\*

Ali perto, é o rio e os seus salmões. Apesar das pontes e de outras construções arquitectónicas, dele ficou, inalterável, o rumor das águas, a sua limpidez e os alegres saltos dos salmões que por aí passam com pressa de atingirem o seu lugar de desova, onde findarão seus dias. Rota inalterável desde sempre.

O rio é uma referência importante para a cidade e, por isso, o grupo apeia-se do autocarro e, conduzido por Rodolfo, toma agora a direcção do rio onde os salmões abundam. E porque é permitido pescar estes peixes, mediante uma licença por três dias que custa cerca de 40 dólares, há homens metidos, até às coxas, na água do rio, pescando com gestos suaves, atentos, como se estivessem a cumprir um rito sagrado.

O salmão é difícil de pescar porque não se alimenta durante a subida do rio. Há porém um engodo que faz um ruído parecido com o da truta que costuma viajar ao lado do salmão para lhe comer os ovos. Um inimigo que o salmão costuma atacar. E assim, julgando

ouvir a truta, ferra o engodo e deixa-se capturar. Mas não são só as trutas, as inimigas do salmão. A baleia também come salmão. E o urso. E a águia.

A meio da ponte de madeira sobre o rio de águas límpidas e pouco profundas, são muitos os que disparam as suas máquinas fotográficas, mas o tempo está a ser cronometrado, porque o barco fundeado, lá longe, não pode esperar por eles. Por isso, sem protestar, breve abandonam o local, para continuarem a digressão e encaminham-se agora para o lago em redor do qual há vidoeiros, cedros e choupos, tal como nas matas. Essas matas onde livremente vivem alces que, às vezes descem à cidade, o que preocupa os habitantes, porque sendo corpulentos, podem ser perigosos se acaso se tornam agressivos.

As águas do lago estão calmas. E, pousados nelas, os hidroaviões esperam pacientemente pelos turistas interessados em sobrevoar as inacessíveis montanhas. Ao redor do lago e em sítios abertos ao sol, há manchas extensas de *FireWeede*, uma flor rosada (rosa vivo) que floresce em pequenos botões, ao longo de uma haste. Esta flor é a primeira planta a brotar da terra, mal o gelo desaparece, anunciando assim a primavera.

Outra flor típica do Alasca é uma flor intensamente azul, do género dos miosótis (mas um pouco maior) que se chama *Forget me not* (Não me esqueças). Há muitas outras flores mas são cultivadas em viveiros e resplandecem em floreiras esteticamente colocadas ao longo de ruas limpas e arejadas.

A manhã vai quase no fim e o grupo, após algumas compras, prepara-se para retomar o autocarro. Armando Couto, embora intimamente rebelde, às indicações do guia, obedece sem protestar e, tal como os outros, à hora indicada, deixa a luz fria e o sol branco de Anchorage a brilhar através das nuvens acinzentadas e toma lugar no autocarro que logo segue em direcção ao Norte, por uma estrada paralela à linha do caminho de ferro.

É uma linha férrea construída no início do séc. XX, destinada, sobretudo, ao escoamento do minério a qual tem o seu início no porto de Seward, passa por Anchorage e continua em direcção ao norte, até Fairbanks. A partir dali a ligação ao Ártico faz-se por estrada até à Baía Prudhoe, no Oceano Glacial Ártico.

Armando Couto é, de todos, o que assume um ar mais distanciado e, intimamente, anseia por tempos livres que possa preencher da melhor forma possível mas, a pouco e pouco, vai-se adaptando à situação. E enquanto fita a paisagem sem sinais de povoados, de fixação de vida humana, imagina o ganso selvagem continuando a sobrevoar esta região, depois a descer para o sul, em fuga ao Inverno que fatalmente virá e será terrível com as suas tempestades de neve.

E olhando esta paisagem inóspita, apesar do rio a correr através da floresta, espelhando o céu ainda estival, imagina grupos de homens e mulheres vindos de todas as partes do mundo formando um arquipélago de espíritos abertos à nova civilização. Novas energias mentais. Erráticos e extravagantes os vê, em busca de melhores condições de vida, tal como outrora vinham unicamente em busca do ouro.

Ele sente que esta terra onde tantos sonhos de riqueza se esgotaram e outros sonhos renasceram, ainda os poderá ter por muito tempo: Há o petróleo. Os minérios. Os rios. Embora haja também os vulcões e os tremores de terra, como aqueles que a História vai registando, sobretudo os que causam maior destruição.

Armando Couto segue o grupo, quando o autocarro se detém, diante de um restaurante à beira da estrada, onde encontram para comer apenas sopa, sanduíches e café. Durante todo o trajecto, é este o único sinal de vida humana, para além dos escassos carros com que se cruzam. Há, junto do restaurante, uma loja de *recuerdos* e, junto à estrada, uma pequena reserva de animais entre os quais sobressai o alce. Por todo este recinto bem cuidado, sopra uma brisa fresca. Corrente de ar a deslizar sorrateiramente, enquanto as folhas acenam leves, por acção da aragem.

Armando Couto leu bastante sobre a região ártica e os esquimós. E recordando, procura fixar a imaginação lá mais para o norte e ouve, primeiro, apenas gelo. E só depois os esquimós. Esses que, no Inverno, caçavam animais de peles. Na primavera caçavam a foca e pescavam a truta. No verão apanhavam aves marinhas e colhiam bagas azuis na tundra. Viviam em casas de gelo (iglôs) ou de turfa, ou debaixo de tendas de pele. Hoje já são outras, as suas condições de vida. Pelo menos no Alasca desde que este é americano.

Quanto à origem dos esquimós há diversas opiniões de carácter científico. Dúvidas. Por isso, de onde vieram eles, só Deus

sabe. Mas sabe-se que sobreviveram neste Alasca, que continua a possuir, segundo os geólogos citados pelo guia, uma das costas mais escarpadas e retalhadas do mundo.

Não tarda que o tempo previsto para a necessária e frugal refeição termine e, de novo no exterior, Armando Couto dá alguns passos em direcção ao autocarro enquanto olha os abetos que a empresa deste restaurante aqui plantou, árvores que, para sobreviverem, lhe devem exigir cuidados especiais porque fora deste recinto, não há mais que uma vegetação rasteira. E enquanto deixa o olhar vaguear em redor detém-se, por momentos, a escutar o vento que sopra por entre as agulhas, assobiando melodias, mas breve se decide a entrar no autocarro e, já no interior, procura o seu lugar ao lado do de Teresa, uma das companheiras, a qual está sentada junto da janela.

Ela viaja com sua prima Adelaide, que ao grupo se juntou em Detroit. Mas, embora partilhem o mesmo quarto, têm andado um tanto ou quanto separadas o que parece não as molestar. Armando Couto tem sido o seu companheiro de viagem neste autocarro, tal como o foi no avião. Uma aproximação, mais uma vez casual.

A princípio, eram apenas dois estranhos e por isso mal falaram durante as primeiras horas. E quando Teresa se voltou para lhe fazer uma pergunta circunstancial, respondeu um pouco distraidamente. Porém, como se não reparasse no seu distanciamento, ela encontrou novos motivos para novas perguntas e acabaram por entabular uma conversa inócua.

A partir daí, todo o seu comportamento se modificou, tornando-o um pouco mais cordial e mais loquaz do que jamais fora para com qualquer outra pessoa. Teresa parece-lhe uma mulher inteligente, sensata, cuja conversa começa a apreciar, embora sinta que no seu tom de voz, há ecos de algo remotamente sombrio. Mas seja como for, ela é uma mulher que sabe falar e também sabe escutar.

Por isso se surpreende a falar de si próprio. Conta-lhe que nasceu numa terra perto do Porto. E nesta cidade, frequentou a Faculdade de Farmácia tendo obtido a respectiva licenciatura. Esconde no entanto factos a que está ligado de uma forma sentimental. Por isso, só mais tarde lhe falará de Neusa.

O guia refere-se agora, às auroras boreais, fenómenos que têm a ver com as leis da física ou, mais propriamente com descargas eléctricas, mas que para os nativos, mais não são que os espíritos a en-

sinarem o caminho àqueles que morreram há pouco tempo. Depois, chama a atenção para bandos de aves migratórias que pairam no ar, prevendo já a aproximação de uma estação de escuridão e frio.

Enquanto isso, a paisagem continua a desdobrar-se num cenário de montanhas azuis. Rio. Neblina. Um cenário riscado pela estrada que se estende em direcção ao porto onde embarcarão no grande paquete, próprio para cruzeiros de sonho. Não é possível embarcar em Anchorage porque navios de grande calado, como esse que os espera, não podem aí aportar.

Daí esta viagem de muitos quilómetros que o autocarro vai vencendo, conduzido pelo motorista, figurante de um filme de aventuras nas proximidades do Polo Norte. O mesmo corpulento mestiço, possivelmente descendente de índios e de outros povos que aqui, efemeramente, viveram. Seja como for, é um motorista experimentado que vai seguindo atento porque, às vezes, desgarram-se raposas ou alces, pelas estradas.

E há marcas assustadoras da presença de ursos.

A tarde vai avançando e a chuva começa a tamborilar no tejadilho do autocarro, e os limpa pára-brisas gemem descrevendo os seus arcos. Já vêm a andar há perto de três horas, devorando quilómetros e quilómetros, na ténue luz azulada de uma tarde sem sol.

Enquanto isso, o guia continua a falar de Anchorage e fala do caminho-de-ferro, e dos milhares de trabalhadores que para aqui vieram aquando da construção da via-férrea. Cita também os pesquisadores, os incontáveis caçadores de peles, os indispensáveis condutores de trenó, ao lado de outros que ensaiavam novas profissões, necessárias ao progresso da cidade: advogados, médicos, estivadores, barbeiros, agentes funerários, pequenos lojistas avarentos e desconfiados, funcionários dos correios, gente necessária à vida da urbe que, a partir do início do séc. XX, começou a crescer desenfreadamente.

A estrada e a linha seguem a par, ao longo do vale por onde corre o rio. E apesar das curvas e contracurvas, é uma estrada por onde o autocarro circula à vontade, à excepção de um pequeno troço, em obras, que obriga a uma marcha lenta. Mas passado esse contratempo, a estrada com que se depara agora, é suficientemente ampla para oferecer duas faixas em cada sentido.

Também aqui a Mãe Natureza despojou a terra de grandes árvores e, para a contentar, deu-lhe uma floresta que mais não é que

um emaranhado de plantas arbustivas onde o urso se refugia e o alce espera a primavera para perder as suas armações. Essa mesma vegetação que não teme o declive das montanhas e segurando a terra ajudam-na a contar a sua própria história.

À medida que o autocarro prossegue, as montanhas são mais verdes e a floresta é cada vez mais densa. Muitos pinheiros, lagos e rios. Corvos e estorninhos voam por cima da estrada e do autocarro que continua em direcção do porto de mar. O vento sopra mais forte e faz erguer pequenas ondas na superfície azul cinza de um lago. Já não se vêem flores. Sobretudo as rosadas *Fireweed* que, espontaneamente, brotam do solo, após cada degelo. Arrefece cada vez mais. O céu, agora, tomou um tom azul-cinzentado e o ar é mais gelado.

Armando Couto tenta ser amável com a sua ocasional companheira. Sorriu mesmo, quando ela disse: “Estamos a chegar...” e lhe chamou a atenção para os muitos barcos pequenos balanceando-se na marina de Seward, em cujas margens, para sua surpresa, depara, novamente, com a mancha rosada dessas típicas flores (*fireweed*), que abundavam em Anchorage. Depois, já na alfândega e perante as enfadonhas formalidades, quase a esqueceu.

Mas aquele local que, em princípio, deveria ser um agradável ponto de partida para a rota traçada, um marco na estrada para o desconhecido, é sobretudo, agora, um local onde a barafunda entre turistas ansiosos degenerou em confusão poliglota. Além disso, as instalações apesar de amplas, dificilmente comportam tantos passageiros que, impacientes, assistem às demoradas inspecções de documentos e bagagem.

Armando Couto olha, atordoado, todo esse cenário. E, de súbito, o pânico apodera-se dele. Parece-lhe que mal há espaço para se mover ou respirar, e o ruído de vozes, tornou-se um bruá-bruá insuportável. Transpira por todos os poros e o enjoo obriga-o a engolir em seco. Está tentado a abandonar a bagagem e a correr, gritando, para o ar livre. Tenta dominar-se mas, interroga-se no meio da sua angústia: “Quanto tempo terá de continuar assim? Será que não nasceu para a companhia dos seus semelhantes?”

Ele mais não é que um elemento do grupo, em princípio igual a esses que escutam as mesmas informações, cumprem os mesmos horários, mas é, de todos, o que assume um ar mais distanciado.

É como se, perante o convívio próprio da viagem que tem diante de si, tivesse chegado à conclusão de que toda a cautela é

pouca, perante essas inevitáveis relações fortuitas e, de certo modo, imprevisíveis. Mas para alguns dos seus companheiros, aquele fluxo e refluxo da multidão, redundava numa cena agradável e cheia de vida embora lhe falte a alegria e a espontaneidade de uma doca mediterrânica: os gritos, a entoação das palavras, o gesticular expressivo, os apitos. Essa espécie de alegria primitiva e selvagem que aquece o espírito.

Cumpridas as últimas formalidades aduaneiras, Armando Couto segue os outros que vão subindo, em pequenos magotes, a prancha que estabelece ligação entre o cais e a porta que se abre no costado do enorme navio.

E à medida que vão entrando, examinam surpreendidos, a sumptuosidade do grandioso átrio, de tecto mais alto que o de uma catedral. É um cenário pomposo, faiscante de luzes e dourados, a partir do qual serão encaminhados para as respectivas cabinas, munidos da necessária chave. O pessoal de bordo que tem a seu cargo zelar pelo conforto do alojamento, afadiga-se a conduzir os passageiros ao longo de todo um emaranhado de corredores, salas e átrios.

Nas primeiras horas nenhum laço se estabeleceu ainda entre os viajantes e, praticamente, quase se ignoraram uns aos outros. E embora comece a raiar no olhar de alguns deles uma expressão de certa familiaridade, foi separados que, cada um deles, iniciou a exploração do interior do barco.

Anchorage pertence já ao passado.